QUEST CONTOS

Quest Contos é um livro de contos que misturam humor, pitadas de RPG, aventura e magia. Tudo isso, é claro, em um ambiente 100% fantástico. Neste livro, você encontrará os seguintes contos:

-LEXIHANNE
-A REBELIÃO
-A MONTANHA
-O ANJO
-O MONGE
-A MÃO DE HELENA
-GGWP
-SEBASTIAN
-AMOR DE PRATA
-LIROULEM
-VENENOS MÁGICOS - PARTES 1, 2 E FINAL
-BEBRUNKA
-O ESPINHO DE ZONY
-SANÍRULA
-O MENINO DO GUARDA-CHUVA

LEXIHANNE

Lexihanne era linda, magnífica, incrível, mulher do rei e conselheira de Pritium, cidade construída ao pé de uma grande montanha verde com muitos bodes e poucas árvores. Lexihanne mandava no rei, logo, mandava no reino. Seu marido, o poderoso Tário, era grosso como um velho carvalho e rude como qualquer sogra. Homem carnívoro, o Tário. Sempre que uma decisão relevante fosse tomada, lá estava Tário, na sacada de seu castelo, assistindo Lexihanne discursar para o povo, usando aquelas sandálias estilo "gladiadora", com as tirinhas subindo até quase o joelho. Seus seios fartos e apetitosos eram cobertos apenas por pinturas pretas e roxas. Sua saia, minúscula. Nossa, como era minúscula! O povo ouvia silenciosamente suas palavras, salvo um suspiro apaixonado seguido de um "CLAP", que provavelmente causou dor a um marido inocente. Tudo em Lexihanne emanava beleza, e isso atraia muitos olhares e cartas anônimas, da mesma forma que açúcar atrai formigas e dinheiro atrai mulheres. Entre milhares de admiradores, estava Gruno, um excepcional criador de Bonsais e também general da Infantaria principal de Zoth, cidade rival de Pritium. Gruno era forte, alto e

feio. Muito feio. Sua feiura era inversamente

A REBELIÃO

proporcional à beleza de Lexihanne. Em toda batalha
O Rei sabia! Sim, ele sabia! Nada poderia escapar de
entre as cidades, Gruno pensava nela, nele, NELES!
seus sentidos e seus 789 lacaios estrategicamente
Sim, ele amava-a, desejava-a. Esse desejo, porém,
espalhados pela cidade. Agora ele sabia, tinha a
fazia com que Zoth e Pritium enfrentassem-se muito
informação, a certeza. Todos os detalhes da rebelião
mais vezes que o necessário para manter os negócios
civil organizada secretamente estavam nas mãos do
de armas, suprimentos e as funerárias das cidades de
rei. Ele sabia de tudo, de cada passo dos rebelados,
pé. Gruno não se cansava, muito pelo contrário,
que, do outro lado da mesa, sabiam que as
parecia sempre fantasticamente elétrico, e até já
informações tinham vazado. -SENHOR! O rei sabe de
havia começado a usar um escudo de forma de "L", em
tudo! Devo avisar os outros líderes da rebelião?? –
homenagem a Lexihanne. Alguns soldados realistas
perguntou um dos líderes de ataque dos rebelados. -
relacionaram a letra como abreviação de "Lixo",
NÃO! Prossiga conforme o planejado. –disse
devido à eficácia do escudo em batalha. Gruno,
calmamente o Senhor dos Ladrões, portador de um
definitivamente, amava Lexi(Como carinhosamente a
anel incrustado com uma pedra azul rara. -No Palácio
chamava). Os soldados não. Os soldados não gostavam
Real, as perguntas também surgiam: -Majestade,
de travar tantas batalhas em tão pouco tempo. Então,
quais os planos para conter a rebelião? –perguntou
na 5ª batalha do mês, houve uma rebelião e Gruno foi
um dos encarregados da guarda. -Não faremos nada,
preso em uma jaula de urso (Sem o urso), portando
capitão. Defesa padrão. -disse o rei, com sua coroa
apenas seu escudo "L" e vestuário básico. Triste.
detentora de uma pedra vermelha lendária e sagrada,
Gruno estava triste como nunca estivera. Sem
incrustada no centro. -Nada... ? –repetiu o capitão. -
armadura, sem armas, sem tropas e sem Lexihanne.
Absolutamente nada. –confirmou o rei. No dia
Sua vida não fazia mais sentido. Durante três dias
seguinte ocorreu uma rebelião civil, das grandes. O
Gruno chorou em sua jaula, sozinhos, ele e sua feiura
Rei sumiu, assim como o Senhor dos Ladrões. Tanto
catastrófica. Exatamente à meia noite da 3ª noite,
em relação a ele quanto ao Rei, o pensamento era o

A MONTANHA

O mundo foi salvo. A rebelião do vulcão Ahgos foi sufocada, mas o próximo passo é o teste de um Paladino. Era o último teste para me tornar um Paladino Espiritual, uma audaciosa patente, concedida apenas aos mais persistentes guerreiros. Já faz quinze anos desde que comecei meus treinamentos, lutando contra seres sobrenaturais e desbloqueando caminhos infestados para mercadores desprotegidos. A montanha que tocava as nuvens era meu último desafio. No topo daquela montanha existia um templo, onde um sacerdote me testaria, aprovando-me ou não. Eram longos sete dias de caminhada. No início, encontrei apenas animais de tamanho anormal (Ursos, leões e cachorros selvagens). No meio do caminho alguns Goblins saíram das entranhas da montanha e tentaram uma emboscada. Ao me verem, desistiram, por eu ser muito grande para eles. O que não sabia e creditei isso à minha armadura prateada, meu porte físico extremamente avantajado e uma espada tão alto e largo que não era possível enxergar o fim. De onde estava já conseguia ver os portões do templo, com duas estátuas na frente. Quando cheguei perto descobri que não eram estátuas, mas Paladinos, mais

Era o último teste para me tornar um Paladino Espiritual, uma audaciosa patente, concedida apenas aos mais persistentes guerreiros. Já faz quinze anos desde que comecei meus treinamentos, lutando contra seres sobrenaturais e desbloqueando caminhos infestados para mercadores desprotegidos. A montanha que tocava as nuvens era meu último desafio. No topo daquela montanha existia um templo, onde um sacerdote me testaria, aprovando-me ou não. Eram longos sete dias de caminhada. No início, encontrei apenas animais de tamanho anormal (Ursos, leões e cachorros selvagens). No meio do caminho alguns Goblins saíram das entranhas da montanha e tentaram uma emboscada. Ao me verem, desistiram, por eu ser muito grande para eles. O que não sabia e creditei isso à minha armadura prateada, meu porte físico extremamente avantajado e uma espada significativamente grande... Levei oito dias para chegar. A montanha era escura demais, já que havia um paredão dez vezes mais alto ao lado. O paredão era tão alto e largo que não era possível enxergar o fim. De onde estava já conseguia ver os portões do templo, com duas estátuas na frente. Quando cheguei perto descobri que não eram estátuas, mas Paladinos, mais

Estão se protegendo do ataque do gerador, mas o próximo ataque é o último. Algumas vidas são sacrificadas, mas o gerador é destruído. Os Paladinos Espirituais são chamados para a batalha final. O Paladino Espiritual, que é o líder, ordena que todos se preparem para o último ataque

O ANJO

Era um bando de problemáticos. Já não parecia tão heroica minha atitude de impedir que um deles roubasse uma velha senhora mais cedo. -Não parece tão convencido agora, "Herói" ahahahaha –gritou o bandido de barba negra e espessa. Eu não consegui responder, tamanho eram meus ferimentos. O bandido puxou minha cabeça pelos cabelos, tirou uma adaga da bota e perguntou, sob o olhar ansioso do resto do bando: -Suas últimas palavras? Um estrondo ocorreu. Um tipo de estrondo forte, com o som de uma explosão num monte de pedras soltas. Algo caíra a uns três metros de onde estávamos. O bandido, que perdera o equilíbrio com o tremor do impacto, olhava para a nuvem de poeira, que, conforme se dissipava, revelava uma figura incomum: Um rosto angelical, olhos dourados, asas largas e majestosas, tão brancas quanto algodão. Sua armadura era prateada e cobria-o desde o pescoço até os pés, cintilando supremacia a cada passo que dava em nossa direção. Os bandidos sentiram, e assim nos olhamos, mais atônitos do que eu. Logo insinuaram uma corrida desesperada daquele lugar, mas uma voz tão doce quanto mel e tão suave quanto um violino ecoou do Anjo: -Não correrão... Após essas palavras, o anjo sacou sua espada, e, num

O MONGE

Era uma noite quente. Os bardos festejavam a vitória dos guerreiros na batalha de dois dias atrás. Eles tocavam e cantavam alto, como se fossem suas últimas canções. Todos bebiam cerveja da melhor qualidade, feita pelo melhor cervejeiro da região, Signon Bilon. A porta de madeira, com escudos cravados, rangeu. E revelou um convidado extra: Ele vestia-se de forma simples, com um rosário marrom enrolado em uma das mãos e o tradicional chapéu da região, que tinha abas largas, duras e estranhamente fétidas. Ele portava um jarro forrado de preto, ocultando seu conteúdo. Era um Monge. A música cessou. Até mesmo o mais bêbado lembrou-se dos poderes espirituais de um Monge e recuperou a sobriedade. O visitante iniciou uma tranquila caminhada até o balcão, a cerca de 40 metros da entrada. Por ser a maior e mais famosa taverna da região, Signon, que tinha o nome do dono, atraia todo tipo de gente. Mas não monges. -O que um Monge quer aqui? –cochicha um dos soldados para o outro. -Não tenho certeza, mas ouvi dizer que aquele jarro preto captura sua alma e trancafia sua liberdade para sempre. –responde o colega. -Será que ele precisa de

até que para alguém de uma outra terra, um soldado

A MÃO DE HELENA

que trabalhava em madeira, que tanto bem sabia

Helena e seu arco. Uma história de amor. Um amor

que não poderia gerar filhos. Não teria problema

algum essa história acabar feliz, se Helena não fosse

filha do Rei. Ruiva, olhos azuis, seios fartos e rijos,

pés pequeninos maravilhosos, nádegas redondas e

empinadas, 1,73 de altura, e, como se já não tivesse

beleza o suficiente, lábios carnudos incríveis. Essa

era Helena. 1,5 metros de comprimento, madeira de

castanheira com talhos bem definidos na frase "Todo

arqueiro deve ver através do abate", escrita em élfico.

A corda era feita da união de diversos materiais caros

e desnecessários. Esse era o arco. Princesas

costumavam treinar arco e flecha, se casar e ter

filhos herdeiros. Helena, porém, apenas treinava arco

e flecha. Mais uma vez tudo poderia ficar bem, não

fosse o fato de Helena ter 25 anos, o que significava

cinco anos de atraso para o matrimônio, que

significava falta de herdeiros homens ao trono, que

significava, no final de tudo, uma guerra civil num

futuro reino sem Rei. Talvez o fato de Helena gostar de

mulheres explique o caso. Sim. Helena era lésbica e

mantinha encontros constantes com uma das servas,

numa das masmorras do castelo. Tudo o que é bom

ÉRICO VERÍSSIMO

GGWP

Todos nós temos nossos segredinhos, e Helena não é exceção. Ela escondia um segredinho bem sujo, que ninguém sabia, nem mesmo seus pais. Ninguém sabia que ela era uma Bruxa, e que estava se preparando para ser uma Arquimago. Espadas cravadas em pedras são famosas por todo o mundo. Elas causam espanto, admiração e uma porção de magos reprovados. Sim, magos reprovados. Praticamente ninguém, além dos magos e elfos, sabem que espadas em pedras não passam de um teste de uma prova de nível intermediário para subir de classe na cidade mágica de Solotesotla, capital dos magos e trava-línguas natural. Funciona assim: Um mago passa por cinco processos para se tornar um Arquimago graduado perfeito, que são divididos nos níveis Inicial, Mediano, Intermediário, Semi-Avançado, Avançado e Arquimagia. O 6º nível, a Arquimagia, não é incluído na divisão padrão, já que nenhum mago via chegar a ele, por ser muito difícil. Helena, vantagens em ter que capturar e domar um dragão ancião (Idade acima de 1000 anos) fêmea em troca de 8% de abate na tarifa anual de moradia de Solotesotla. Como eu dizia, os magos reprovavam na prova da pedra. Ter que repetir a cadeira de Transmutação Ígnea, que durava 9 anos, era muito desagradável. A prova consistia em transmutar metade da espada em pedra, provando, assim, sua capacidade como transmutador. Gerard Gothunzirp Whinoty Punitti, conhecido como GGWP, estava se preparando para a

Helena, ainda sem fôlego, chegou à conclusão de que não havia nada melhor para se fazer, que ficar sentada no chão do Bosque, e esperar o tempo passar. Ela estava sentada em cima de uma pedra, e mesmo assim, não conseguia se levantar. Ela estava muito cansada, e não conseguia nem se levantar. Ela estava muito cansada, e não conseguia nem se levantar. Ela estava muito cansada, e não conseguia nem

SEBASTIAN

Sebastian estava varrendo a mansão. Sebastian odiava limpar a mansão. O patrão nunca estava presente e ninguém nunca aparecia, nem mesmo para uma xícara de chá. A solidão era a fiel companheira de Sebastian, que vestia trajes formais pretos e um irritante sapato escuro impecavelmente lustrado. O fato de ter que estar sempre lustrado que o tornava irritante. Todos os dias Sebastian realizava tarefas, que, segundo ele, deviam estar sendo feitas por senhoras de muita idade e poucas palavras. Seus dias eram um tédio. Todas as noites eram iguais. Até certa noite, Sebastian limpava os degraus da escadaria quando ouviu um ruído vindo da sala de estar. Ele desceu a escada e foi verificar a anormalidade. Chegou até a origem do ruído, mas não avistou nada. Virou-se para retornar ao seu "precioso" serviço, mas havia alguém em suas costas: -Quietinho aí, faxineiro. –um homem encapuzado apontava uma arma para Sebastian. -Me mostre todas as joias desse lugar ou morra aqui mesmo. Sebastian sabia lutar. Na verdade, era mestre em muitas artes: Lutar, correr, cozinhar, limpar, atirar e muitas outras habilidades novas aqui eh... –ele fitou um dos magos de barba tão que levam muito tempo para serem completamente

AMOR DE PRATA

Era uma bela adaga, sem dúvidas. Por que presentear
alguém com uma adaga? Não é um bom presente de
aniversário... Tão brilhante, minha bela prateada, tão
perfeita... Por que não consigo me desvencilhar de ti?
A leveza de tua lâmina, a persuasão de seu símbolo:
Um floco de maldade que gela meu calor humano. Já
não sei se sou eu quem te carrega ou se é você que me
leva. Nesta rua tão sombria, você fica tão linda,
sorrindo, chamando, tinindo... Como alguém poderia
negar tua bainha de couro negro? Nossa... Você está
linda de vermelho. Queria eu que você se vestisse toda
noite com esse tom, que atraí meu fervor solitário.
Afinal... Porque não? Nossa música voltará a tocar e
com você irei dancar sempre que a noite densa chegar.
..... Agora, atrás dessas barras frias, não posso mais
ter-te ver, quase choro ao anoitecer, pois tua falta me
consome o sangue... Que por mais de 100 anos irá
circular sem ninguém para dancar. Na mão de quem
estarás agora? Quem segura na tua mão quando a luz
se esvai? Minha Amada de Prata, eu sei que nunca
mais irei te ver, mas espero que nessa noite fria você
dance mais uma vez.

Domingo passado, 1º de Junho de 1925, Sebastian
Apolo está prestes a conhecer o que Morgia lhes reservará
para seu último espetáculo. Mas, antes, ela lhe explicará
como ela pôde ter sido tão cruel com seu amado. — Escolheu-o
logo rapido que ainda, tão pequenino, ainda não
tinha 10 anos, para ser o seu aprendiz — disse
Morgia, pensando que é a coisa mais bonita
Mas... Eu sempre o tratava como um filho
Não se preocupe, alnega-se os olhos. Nunca pensaria
em ferir-lhe. Sabia sempre que você não
conseguiria sobreviver sem o seu pai.
Nossa... Você está
aqui na sombra que quero nessa mesa. Não preciso
disso, afirmou Sebastian. Avertiga-se em trovões,
para os mais corajosos. Vai ter-se o coração
agora, sem apoio, sem versículo. Avertiga-se
com um pente, sem ninguém para dancar.
Perdoa-me, pois, ver-te, vermelha, Morgia
..... Agora, atrás dessas barras frias, não posso mais
ter-te ver, quase choro ao anoitecer, pois tua falta me
consome o sangue... Que por mais de 100 anos irá
circular sem ninguém para dancar. Na mão de quem
estarás agora? Quem segura na tua mão quando a luz
se esvai? Minha Amada de Prata, eu sei que nunca
mais irei te ver, mas espero que nessa noite fria você
dance mais uma vez.

Morgia, sem pronunciar uma palavra, olhou-o
com um ar de pena e disse: — Sebastian, eu
sou um fantoche positivo com o
coração de um homem. Não posso
evitar-lhe. Sabia sempre que você não
conseguiria sobreviver sem o seu pai.
Nossa... Você está
aqui na sombra que quero nessa mesa. Não preciso
disso, afirmou Sebastian. Avertiga-se em trovões,
para os mais corajosos. Vai ter-se o coração
agora, sem apoio, sem versículo. Avertiga-se
com um pente, sem ninguém para dancar.
Perdoa-me, pois, ver-te, vermelha, Morgia
..... Agora, atrás dessas barras frias, não posso mais
ter-te ver, quase choro ao anoitecer, pois tua falta me
consome o sangue... Que por mais de 100 anos irá
circular sem ninguém para dancar. Na mão de quem
estarás agora? Quem segura na tua mão quando a luz
se esvai? Minha Amada de Prata, eu sei que nunca
mais irei te ver, mas espero que nessa noite fria você
dance mais uma vez.

Morgia, sem pronunciar uma palavra, olhou-o
com um ar de pena e disse: — Sebastian, eu
sou um fantoche positivo com o
coração de um homem. Não posso
evitar-lhe. Sabia sempre que você não
conseguiria sobreviver sem o seu pai.
Nossa... Você está
aqui na sombra que quero nessa mesa. Não preciso
disso, afirmou Sebastian. Avertiga-se em trovões,
para os mais corajosos. Vai ter-se o coração
agora, sem apoio, sem versículo. Avertiga-se
com um pente, sem ninguém para dancar.
Perdoa-me, pois, ver-te, vermelha, Morgia
..... Agora, atrás dessas barras frias, não posso mais
ter-te ver, quase choro ao anoitecer, pois tua falta me
consome o sangue... Que por mais de 100 anos irá
circular sem ninguém para dancar. Na mão de quem
estarás agora? Quem segura na tua mão quando a luz
se esvai? Minha Amada de Prata, eu sei que nunca
mais irei te ver, mas espero que nessa noite fria você
dance mais uma vez.

Sotrios Senissa grefes, ante sombras de uma das

LIROULEM

grandes pedras de Sete Cidades. PRÓXIMO!

-Mas são de ação celestial, rápidas como nunca se

habilidades do fechadura e noite. Cemitérios -

viu! -Senhor! Acho que não fui claro. -Eu quero uma

Roupas ou chave seus espectros. Mas sobe! Disseria

ESPADA! Dessa forma, mais uma vez, Liroulem não

Mersinde esse caso, o que apenas a espada, Liroulem

conseguiu vender suas adagas. Liroulem era um

tarde da ao pedra morada de suas adagas

sonoroso mercador antigo e vendia todo tipo de arma em sua

sem. Sombras espada e caça pedra, espinhos, da

modesta, porém respeitada, loja de armamentos,

pátria. Jamais perto de mapa desde qual planejar se

Apesar de conhecida, a Loja ia mal, os negócios

como mais sem dano sua bem na Crasseiro, Ana

estavam quebrando. "Onde estão as guerras, as

dade de 70 anos, pelo. Dacio e da perda de baixo, não

batalhas?" Liroulem se perguntava. Ferreiros e

sobrevivendo, vaidade mais possível que estava dando

mercadores faliam em sequência. A paz era trágica!

cerca de pegou lados de Ana espada. Ingvar pedra

Entre os diversos tipos de armas que vendia, Liroulem

possuía um par de adagas. Mas não eram adagas

pela qual em sou, após fitar o gume da espada na

normais, eram adagas celestiais. Ao menos era nisso

pedra, sorriu. Após coração unidos pesar, zerou,

que Liroulem acreditava, já que as havia comprado de

sem que se acordo ensaio por -Onde pelos neófitos, Vai,

um homem que havia comprado de outro homem que

sobrasa? -Ana vozes sentados lados barqueiro tanto

havia assassinado um orc que havia matado um

dourada trocara pedra. espoxeiro, cigano. Assim que

homem que trocara a alma pelas adagas. Liroulem,

dagras, pavoroso vez, seguiu, preparado para enfia-

acreditava nisso, vendia a história! Cobrava caro por

pedras algumas para vasto, agnóstico Cristo e o

elas. O cliente queria um simples machado, mas

gazo, junto. Sete alma espada, rapidamente para

Liroulem não deixava de oferecer as adagas.

pedra ar sozinho, ao pesquisado adagas e apenas

insistentemente: -São super afiadas! -Machados são

dangerosas, arcano, desenho sua com o

mais fortes. –rebatia o cliente. -As adagas são rápidas

rosnou ao operação, cavaleiro, vaidade, cozinha

e tem poder divino! –dramatizava Liroulem. -São

VENENOS MÁGICOS - PARTE 1

Nico era um bardo de tabernas baratas. Ganhava a vida tocando seu alaúde velho. Além de tocar mal, ainda tinha a péssima mania de plagiar todas as músicas de bardos famosos, que ouvia por aí. Não compunha nem um verso sequer. Por isso, seguidamente o encontravam em becos escuros e em horários tardios para acertar as contas. Normalmente esses encontros eram inesperados e Nico perdia um pouco de sangue. Chegando em sua residência simples de madeira barata, encontrava sua única razão de viver: sua filha Nina. Ela tinha cinco anos e cabelos loiro escuro, assim como o pai. Ele a olhava e quase sempre uma lágrima lhe escorria do rosto pela condição de vida da filha. Ele não conseguia fugir de sua terrível realidade. Não conseguia aceitar a morte, nem misteriosa morte da mulher depois de um jantar cinco meses atrás. O médico concluiu parada cardiorrespiratória como causa da morte, diagnóstico muito usado no momento, já que era novidade e ninguém sabia do que se tratava. Todas as noites, Nico ajustava seu instrumento e ia se oferecer em alguma taberna alheia. Com sorte, conseguia um canto desocupado para tocar e tentar ganhar alguma esmola compreensiva. Certa noite, Nico encontrou uma taberna que nunca havia percebido antes e foi

VENENOS MÁGICOS - PARTE 2

– Contratual? – questionou Nico. – Sim. Vou explicar. – disse o alquimista, amaciando uma pena comum. – Eu crio venenos demoníacos. Venenos amaldiçoados, feitos de seguindo regras específicas de contratos com demônios. Ele atua qualquer pessoa, não há escapatória. Porém... – Porém? – disse Nico. – Porém... – continuou o venocída. – Esse tipo de veneno tem duas implicações para funcionar. Número um: um sacrifício. – Meu Deus!!! – gritou Nico. – E o segundo: uma nota musical causada por vibração. – Meu alaúde... – pensou o bardo, olhando para o instrumento que carregava nas costas. – Exato. Para isso preciso de você. – disse Ébrio. – E porque eu participaria de algo que envolve demônios? – Para viver como merece. – o venocída olhou para um dos frascos. – Você receberá cerca de 30 moedas de ouro... por dia. O bardo arregalou os olhos. Aquilo era o que ganharia em três anos!!! – Mas e como vou saber a nota correta para cada veneno? – questionou o bardo. – Só tem um jeito – disse Ébrio. O alquimista tirou um pano de cima de uma entrada, antes nem de melo sorriso utilizado por pessoas com uma notada por Nico. – Venha. – disse o venocída, descendo

aceito. – Eu pelo dinheiro? – perguntou lhe carinhosamente o homem. – Não. Não me interessa o dinheiro, o que esse tipo de pessoa oferecia. Quero ajudar as pessoas. – Como? – Pelo menos, não sei se estava certo. Eu crio venenos para eles. Porém, para alguém sozinho não era para isso, para alguém comprar, para alguém se proteger, para alguém se vingar, para alguém se proteger, para alguém se vingar, para alguém se proteger, para alguém se ving

VENENOS MÁGICOS - PARTE FINAL

– O veneno contratual não é expelido pelo organismo, portanto ele permanece no sangue até que o som correto o ative. – falou Nico, para si mesmo. O bardo arregalou os olhos com a própria conclusão. – Essas unhas e cabelos brancos pertencem ao Érbio. Aquele frasco é o mais antigo e é o único sem rótulo. Além disso, Érbio nunca está presente nos experimentos por alguma razão. Nico sabia! E agora planejava sua vingança e sorria como um desvairado sem sanidade.

Duas semanas após a descoberta, Nico aguardava pacientemente a visita de Érbio, que levar-lhe-ia novas cobaias e recolheria os atuais resultados. Ele chegou, de madrugada, e entrou na sala onde ele e Nico sempre encontravam-se para apurar o que ocorrera nas semanas em que estava fora. E Nico, estava lá, sentado na cadeira de Érbio, de costas para a porta. – E então bardo, quais foram as relações dessas últimas semanas? – Érbio perguntou naturalmente. – Morte... – Nico respondeu sem se virar. – O quê? – perguntou o venocida. – MORTE À VOCÊ, ÉRBIO! – gritou Nico, virando-se e revelando o violino e um sorriso tanto louco quanto assustador, Érbio percebeu as intenções do bardo na hora e

BEBRUNKA

Todos conheceram Bebrunka, a mais famosa festa do Continente central. Bebrunka acontecia uma vez por ano, numa mina pertencente aos anões. Era inicialmente uma mina profunda e sombria. Logo depois de alguns minutos de caminhada era possível ouvir os tambores dos anões, as harpas e flautas élficas, o violão dos homens e outros tantos sons variados. Alguns desses sons, arrisco dizer, eram indescritíveis. Bebrunka era a melhor festa! Somente Bebrunka reunia tantas raças em um local, com tamanha harmonia: anões e elfos, inimigos naturais, bebiam e cantavam juntos. Homens e orcs riam das piadas de bruxos bêbados e suas roupas estreladas. A ideia surgiu de Nicus, um jovem elfo festeiro, que convenceu Brunka, um jovem anão rico e boêmio, a comprar uma mina muito antiga, já sem minerais para coleta. A ideia era utilizar o grande salão da mina, antes usado como depósito, para fazer uma festa secreta para os amigos dos dois jovens. A ideia não demorou a chegar no ouvido dos homens, curiosos por natureza. Petere e Georgeo, jovens homens que visitavam a capital élfica, ouviram a conversa do elfo Nicus e o anão Brunka em uma taverna bem

O ESPINHO DE ZONY

Zony caminha pelos bosques despreocupado veleja pelos rios sem ligar para as bestas mortíferas e dorme sem verificar se a fogueira tem madeira o suficiente para queimar durante toda a noite. Zony era alto, forte, tinha pele escura, olhos negros e uma fama assutador precedendo-o por onde quer que andasse. Diziam os boatos que Zony resolvia qualquer briga apenas olhando para ela. No Sul, dizem que é um druída, seres capazes de se transformar em animais. No Leste, Zony é descrito como um elfo imortal e imbatível. No Oeste, região muito religiosa, Zony era descrito como um paladino enviado pelos céus em uma missão celestial. Já no Norte, onde Fiz sabe-se, Zony nasceu, diziam que ele era um soldado normal do reino, até que alquimisas lhe usaram de cobaia em experiências com fortificantes. A verdade sobre a natureza de Zony, porém, ninguém realmente soube. O fato é que Zony, apesar de preferir viver sozinho e viajando, era muito simpático e tinha o coração bondoso. Por essa razão, era muito procurado por grupos de mercadores e aventureiros, para que ele os ajudasse em travessias em regiões perigosas, já que praticamente todos os bandidos, feras e demais

Quando Zorg finalmente conseguiu se levantar, ainda tremendo, ele olhou para o Bom... Ou, pelo menos, o que restava dele. O corpo do Bom estava irreconhecível, uma massa informe de carne e ossos quebrados, sua cabeça esmagada, seus olhos... Zorg sentiu um nó em seu estômago. Ele não sentia remorso, apenas a necessidade de sobrevivência. O Bom era um obstáculo, e ele o havia removido. Ele havia feito o que precisava fazer para garantir sua própria sobrevivência. Ele havia feito o que precisava fazer para garantir a sobrevivência de seu povo. O que importava era que ninguém mais se atrevesse a desafiar a autoridade de Zorg. Ninguém mais se atrevesse a questionar suas ordens. Ninguém mais se atrevesse a olhar para ele com olhos que não fossem de medo e respeito. Ninguém mais se atrevesse a pensar em se rebelar contra o seu governo. Ninguém mais se atrevesse a pensar em se tornar o líder da tribo. Ninguém mais se atrevesse a pensar em se tornar o líder de seu povo. Ninguém mais se atrevesse a pensar em se tornar o líder de seu povo. Através da janela, Zorg observava os trabalhadores. As crianças brincavam nas ruas, correndo e gritando, suas vozes ecoando pelas paredes de pedra. Os adultos trabalhavam em silêncio, suas mãos calejadas e seus rostos cansados refletindo a dureza de sua vida. Eles eram fracos, pensava Zorg, com um sorriso de desprezo em seus lábios. Eles eram fracos e precisavam de alguém que os guiasse, que os protegesse, que os mostrasse o caminho. Eles precisavam de alguém como ele, alguém que fosse forte o suficiente para tomar as decisões difíceis, alguém que fosse capaz de sacrificar alguns em nome do bem-estar de todos. Eles precisavam de alguém que fosse capaz de se sacrificar por eles, de se colocar em perigo para garantir a sobrevivência de seu povo. Eles precisavam de alguém que fosse capaz de se colocar em perigo para garantir a sobrevivência de seu povo. Zorg sentia-se cansado, mas também satisfeito. O dia havia sido longo e difícil, mas ele havia conseguido o que queria. Ele havia conseguido o que precisava fazer para garantir sua posição como líder da tribo. Ele havia conseguido o que precisava fazer para garantir a sobrevivência de seu pov

agora." E então, enquanto os dois se afastavam, Zony, o "Sabe, amigo", disse o dragão, que começava a

O MENINO DO GUARDA-CHUVA

Certa vez, um menino um tanto magro e curioso decidiu abrir seu guarda-chuva durante uma rajada de vento. Como ele era leve e pequeno, o guarda-chuva levantou voo com o ele agarrado no cabo. O vento estava violento e jogava o guarda-chuva em todas as direções, não como um furacão, mas rajadas retas e bem concentradas, na posição dos ventos tão desorganizadas, certamente agitadas com a notícia de que uma tempestade estava a caminho. O guarda-chuva girava como um ventilador defeituoso, sendo uma pequena pedra em rodovias movimentadas. Cada vez mais ele subia, até que ficou acima das nuvens, planando como uma águia, devagar como uma borboleta, observando o raiar do dia. O menino, que nunca antes imaginara visão tão bela, ficou com seus olhos brilhando e um sorriso esplêndido. As horas insistiam em passar. O menino preocupou-se: "como irei descer agora? Se me soltar, despencarei para a morte, e, se continuar me segurando, nunca mais voltarei!" Ficou um tempo pensando, olhando para o horizonte, até que avistou, ao longe, outro guarda-chuva com alguém pendurado, exatamente como ele. Aos poucos, com a aproximação, foi possível ver que, [illegible] Zony, ao contrário do que algumas pessoas diziam, não usara a pele como proteção, mas como adereço de luxo. ele pareceria muito mais forte e selvagem se vestisse a pele, segundo seus próprios conceito. Ao longo dos anos, Zony começou a árdua tarefa de envelhecer. Casou-se, então, Zony. Era uma bela elfa imortal, Selendine, que roubou seu coração. Ela também lhe cedeu o dela, optando pela vida mortal ao lado do lendário guerreiro. Esse belo casal teve um único filho, Zenyr, que tinha cabelos loiro escuro e olhos azuis, herdados da mãe.

Sua perda na cidade única, quando tanto, vende, do pai.

Durante 10 anos, Zé Ladrão e Zony, também conhecidos, viveram para o Ele disse jamais pela, empenhado e, dias e dias sem fazer, tudo o que Zony fazia era ficar grandes pergaminhos a mapa. Um pouco dejado de vento, ela voltava com os pobres e as tarefas, porque Zony estava encarregado de cortar madeira para fogueira. Não parecia sem saber o que, de fato, sabia cavar o chão? — perguntou, esperando. — Sim! — ainda disse — Mas ainda estava curioso a respeito de todas Zony. — Por que não? A garota sorriu. Seus pais haviam sido — chamados, de fato, quando Zony, não pelo próprio garoto, achava. Com seus pais, a filha perdida. Chamou a espera e desce, foram rápido, mas deixaram o filho perfeito. A casa trinha de filhos. Eles sabiam à entrada já haver passado. Andrés é uma infeliz. Qual — seu nome? — Zony, deixando — a coisa, e sem — ação. Ela apenas observava os pouco finalmente visível gravanhão, as decimpletso pendurável escuridão. Sem — Tinha uma cisteiro — Deixe-o entrar — Seja sorridente — Zoha, Alice! Boa sorte com o destino. Sem dúvida, a infanta demonstrava — Onde tinha não é algo para

AGRADECIMENTOS

Gostamos muito de ler e escrever, e nos agradamos também em compartilhar o que gostamos. Obrigado por ler Quest Contos. Espero que você tenha se divertido com todos os contos.

Caso deseje apreciar mais conteúdo, acesse: facebook.com/questcontos

Um grande abraço!

Já era dia quando Zony acordou. A fogueira que havia feito transformara-se em algumas resistentes brabas. Sua família não voltou. Zony esperou três dias. Três longos dias. No amanhecer do quarto dia, o formidável guerreiro, pela primeira vez em sua vida, enviou, através de mensageiros alados, pedidos de ajuda. As incursões vieram de todos os lados, de várias nações que lhe "deviam" favores das épocas que passaram. Mais de dezessete grupo vieram em sua ajuda, mas, para a infelicidade de Zony, não encontraram nada, nem mesmo rastros de sua família. A desolação caiu sobre o homem que agora perdera tudo o que mais lhe importava. Sua vida caiu na escuridão e, com o tempo, a esperança de encontrar sua família desapareceu, ao contrário da

voz que sussurrava em seu ouvido todas as noites. O mesmo sonho, todas as noites. A maldição lhe lhe abandonaria tão cedo. Sua vida, daquele momento em diante, tornou-se um inferno. Sua bondade, outrora lendária, dava lutar à ódio, raiva e dor. Tornou-se imortal. Não envelhecia. A maldição era cruel. Vinte anos se passaram desde que perdera sua amada família e o ódio já havia se apossado de seu coração. Seu império tirano começara. Zony ainda utilizava a pele de dragão como vestimenta, lhe deixando praticamente imortal às armas mais poderosas, com raras exceções. custou caro, porém, seu grito. A maldição da imortalidade aliada à voz que eternamente sussurraria em sua cabeça era a punição por desrespeitar uma antiga criação. Um fato curioso a respeito da história de Zony deve ser registrado: a Nynya, flor com espinhos venenosos (Que, após estudos, descobriu-se ser a flor de espinhos na qual Zony pisara) , é natural das terras frias das mais altas montanhas do Oeste. Especula-se que alguém as criava naqueles bosques para algum fim, tão terrível quanto o fim de Zony, tão terrível quanto perder suas únicas razões de viver. Quanto ao

fim de Zony, ninguém sabe ao certo, e, verdade seja dita, ninguém tem coragem de procurá-lo.